

## SUPLEMENTOS INFANTO-JUVENIS: O SUPORTE PARA A FORMAÇÃO DE QUADRINHISTAS NA PARAÍBA

### CHILD SUPPLEMENTS: SUPPORT FOR THE TRAINING OF COMICS ARTISTS IN PARAIBA

DOI: 10.19177/memorare.v7e1202053-65

Rosildo Raimundo de Brito<sup>1</sup>  
Henrique Magalhães<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta um breve retrospecto histórico acerca do trabalho de formação das gerações de quadrinhistas paraibanos nos anos 1970, a partir da experiência da criação de suplementos semanais voltados para a arte do desenho gráfico que circularam na imprensa paraibana naquela mesma época. A análise deteve-se de maneira particular, nas primeiras iniciativas averiguadas no contexto da imprensa diária que foram os suplementos infanto-juvenis *O Norte em Quadrinhos* e *O Pirralho*. O trabalho é resultado de uma pesquisa ainda em andamento e se fundamenta na técnica metodológica de pesquisa de Análise Histórica apresentada pelo estudioso Vergueiro (2017), constantemente utilizada nos estudos dos quadrinhos, especialmente para a descrição e análise de épocas pretéritas, discutindo tendências então predominantes e fatos marcantes do desenvolvimento dessa modalidade de expressão artístico-cultural. O artigo tem como objetivo principal, contribuir para um maior alargamento dos estudos em torno da História em Quadrinhos no contexto da pesquisa regional.

**Palavras-chave:** Suplementos semanais. Quadrinhos. História.

**Abstract:** This paper presents a brief historical retrospective of the training work of the generations of Paraíba comic artists in the 1970s, from the experience of creating weekly supplements focused on the art of graphic design that circulated in the Paraíba press at that time. The analysis came to a particular halt in the first initiatives investigated in the context of the daily press which were the children and youth supplements *O Norte em Quadrinhos* e *O Pirralho*. The work is the result of a research still in progress and is based on the methodological research technique of Historical Analysis presented by the scholar Vergueiro (2017), constantly used in comic book studies, especially for the description and analysis of past times, discussing then predominant trends. and striking facts about the development of this modality of artistic and cultural expression. The main objective of this paper is to contribute to a broader study of comics in the context of regional research.

**Keywords:** Weekly supplements. Comics. Story.

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (1997). Mestre em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (2006). Atualmente é professor efetivo do curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFPG) e aluno do Doutorado em História Social (2017/2021) da USP/UFPG. E-mail: rosildo@usp.br.

<sup>2</sup> Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (1983), Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1990) e Doutorado em Sociologia - Université Paris VII - Université Denis Diderot (1996). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. henriquemais@gmail.com.

## 1 QUADRINHOS E IMPRENSA: UMA RELAÇÃO EMBRIONÁRIA

O surgimento e disseminação das Histórias em Quadrinhos no mundo, como registra a ampla literatura sobre o assunto, está intrinsecamente relacionado com o universo da imprensa. Conforme descreve Cirne (1970, p. 45): “[...] os quadrinhos nasceram dentro do jornal — que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, — frutos da revolução industrial e da literatura [...]”. A exemplo do que asseveram alguns outros autores, para ele os quadrinhos no Brasil surgem em meio ao desenvolvimento do jornalismo satírico, no século XIX, em que a imprensa passa a investir no emprego das narrativas gráficas sequenciais. Embora, conforme defende Alves (2015, p. 129) “como produto cultural de massa, sua gênese é anterior ao desenvolvimento das técnicas de impressão e da consolidação do jornal impresso, em meados do século XVIII”, o desenvolvimento das HQ’s está associado ao surgimento do jornal, por meio do qual as imagens passaram a se massificar na sociedade.

Do mesmo modo que as charges e cartuns, há mais tempo em circulação, os quadrinhos e, de maneira especial, as tiras publicadas na imprensa, pouco a pouco foram conquistando espaço nos principais periódicos de todo o mundo, entre o final do século XIX e início do século XX, sobretudo, nos jornais diários<sup>3</sup>. Dois fatores contribuíram para esse fenômeno. O primeiro deles foi o avanço da imprensa satírica que, por meio do desenvolvimento das tecnologias de impressão, facilitou a massificação dos diversos gêneros do humor gráfico, provocando, por exemplo, o estrondoso sucesso das revistas ilustradas a partir da segunda metade do século XIX, no Brasil. Dentro deste contexto, os quadrinhos passaram a conquistar um público de leitores cada vez mais fiel, dividindo a atenção destes com os demais gêneros do vasto universo da caricatura e com os quais estes guardam alguns traços de semelhança. Ao abordar essa questão, Magalhães (2006, p. 20) destaca especialmente a aproximação das tiras com os dois principais gêneros caricaturais, ao definir as tiras como “uma gag, uma piada que pode ser ingênua ou crítica, aproximando-se do teor do cartum e da charge”. E este certamente foi um dos motivos da larga aceitação dos quadrinhos junto ao público leitor que, como destacam vários autores, são valiosos suportes narrativos que, para além de entreter,

---

<sup>3</sup> A rica trajetória da caricatura e suas mais diversas modalidades gráfico-humorísticas em uso nos diversos tipos de periódicos ao longo dos dois últimos séculos revelou a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística e literária ou como simples forma de diversão e passatempo (FONSECA, 1999, p. 13).

dialogam com o cotidiano dos sujeitos enquanto elementos situados dentro de contextos histórico-social e em conformidade com valores específicos cultuados na sociedade, em cada época.

Consagrado no mercado editorial jornalístico brasileiro e fortalecido com o surgimento das novas gerações de cartunistas no início do século XX, dentre os quais nomes como os de J. Carlos (1884-1950), Luis Sá (1907-1979) e Carlos Estevão (1921-1972) fizeram história, não demorou muito para que os quadrinhos ampliassem o espaço ocupado na imprensa. Para além das páginas dos jornais diários e das próprias revistas ilustradas focadas exclusivamente para o gênero em si e das quais a revista Tico-Tico<sup>4</sup> ocupa um lugar especial na historiografia das HQ's, os quadrinhos migraram para outros tipos de publicações impressas e restritas ao campo da indústria jornalística. Dentre elas, estavam as revistas e os suplementos semanais pertencentes aos grandes grupos de comunicação do país. Uma das publicações de maior sucesso de todos os tempos da história da imprensa brasileira dentro deste primeiro gênero foi, sem dúvida alguma, a revista *O Cruzeiro*<sup>5</sup>, pertencente na época à cadeia de conglomerados do grupo Diários Associados.

A revista serviu não apenas de passarela por onde desfilaram alguns dos principais nomes do cenário do humor gráfico brasileiro, como também de escola para inspiração para esse universo que, a despeito do que ocorria no contexto da grande imprensa, ainda era algo embrionário fora do eixo Sul/Sudeste<sup>6</sup>. Ao contrário do que se via no âmbito nacional, o mercado editorial mais voltado para publicações ilustrativas no restante do país, especialmente, na região Nordeste, até metade do século XX ainda era pouco desenvolvido. Motivado, sobretudo, pelas condições ainda precárias dos parques gráficos dos jornais implantados na região, esse fenômeno terminava limitando o espaço e a fomentação para o surgimento de novos quadrinhistas fora do grande mercado editorial. A exemplo do que se via nos demais estados da região, essa realidade foi averiguada na Paraíba, onde só a partir do início dos anos 1970, os quadrinhos começaram a conquistar espaços na imprensa estadual e assim, fortalecer o segmento do humor gráfico no contexto estadual e regional

---

<sup>4</sup> Apontada como a primeira publicação de quadrinhos de que se tem notícia do Brasil, a revista Tico-Tico surgiu em 1905. Lançada pela editora O Malho, a revista era baseada no sucesso do gênero na Europa e nos EUA e trazia histórias que eram decalcadas por artistas nacionais e transmitidas para o público brasileiro. Para saber mais ver *LACTERMACHER; MIGUEL, 1984*.

<sup>5</sup> *O Cruzeiro* foi criado em 1928 por Carlos Malheiro Dias [também grafado como Carlos Dias e como Carlos Malheiros Dias (1875-1941)], passando posteriormente a integrar com *A Cigarra*, o império de comunicações *Diários Associados*, fundado em 1924 pelo jornalista e megaempresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Para além de humoristas gráficos já consagrados nacionalmente, a exemplo de Péricles, Millôr Fernandes e Carlos Estêvão, a revista abria espaço para talentos recém descobertos. Dentre esses estava o cartunista paraibano Luzardo que foi contratado por Assis Chateaubriand nos anos 1960.

<sup>6</sup> Entre os cartunistas que passaram pela revista *O Cruzeiro* ainda nos anos 1960 estava o paraibano Luzardo Alves. Contratado por Assis Chateaubriand em 1963, ele foi para o Rio fazer parte do grupo de humoristas que trabalhavam para a revista. Além dos cartuns e charges, Luzardo Alves também contribuiu com o desenho de *O Amigo da Onça*, um dos maiores do humor gráfico brasileiro que circulava na revista *O Cruzeiro* desde os anos 1940, de autoria do humorista pernambucano Péricles de Andrade Maranhão. Com a sua morte em 1963, o personagem passou a ser desenhado por outros humoristas gráficos, dentre eles, o cartunista paraibano, conforme relato dele próprio. (Ver ALVES, 2016).

contribuindo com a formação das gerações de cartunistas/quadrinhistas e também do público leitor para este tipo de produto cultural de larga amplitude dentro e fora do contexto jornalístico.

## 2 A PRODUÇÃO SUPLEMENTAR DOS QUADRINHOS NA PARAÍBA

Em se tratando do cenário paraibano, a historiografia acerca da produção das Histórias em Quadrinhos tem sido um tema já abordado por alguns autores a exemplo de Alves (2016); Magalhães (2012; 2006; 1983); Almeida (2010); Lima (2010); Aldaci (2006) e Pontes (1993). Apesar de ter iniciado ainda em 1963, com o surgimento de *As Aventuras do Flama*, que ficou conhecido como o primeiro personagem de HQ's da Paraíba e um dos primeiros no gênero em todo o país, de autoria do cartunista Deodato Borges, a produção dos quadrinhos na Paraíba só veio deslanchar mesmo nos anos 1970<sup>7</sup>. Conforme descreve Lima (2010), os anos 70 foram os melhores para os quadrinhos paraibanos, principalmente pelo espaço que foi cedido para esse tipo de narrativa iconográfica. O fenômeno se deu devido a dois fatores que foram eles a inovação dos parques gráficos das empresas jornalísticas instaladas no Estado e a luta desbravada por artistas gráficos a exemplo de Deodato Borges que, para além do talento para as artes gráficas, se destacou como um bravo militante para o desenvolvimento da nona arte na Paraíba e, por extensão, no Nordeste. As principais contribuições neste sentido vieram quando este assumiu no início dos anos 1970, a função de editor cultural do principal e maior jornal diário comercial em circulação na Paraíba naquela época, o jornal *O Norte*<sup>8</sup>.

Seguindo uma tradição já presente na grande imprensa, Deodato introduziu na imprensa paraibana, a partir de 1973, as tiras de quadrinhos, já populares nos grandes jornais de todo o mundo. A iniciativa foi algo extremamente importante tendo em vista que fomentou uma legião de leitores formada não apenas pelo público infantil, mas de jovens e adultos que se atraíram pela novidade na imprensa estadual. De outro lado, o novo espaço conquistado por meio do espírito empreendedor de Borges deu aos desenhistas quadrinhistas nativos, a oportunidade de mostrarem o seu talento. Esses tinham suas produções de autoria própria publicadas ao lado de personagens já consagradas de Maurício de Sousa, criando séries humorísticas e aventura sequenciada, como ressalta Magalhães

---

<sup>7</sup> O personagem do primeiro herói de histórias em quadrinhos paraibanos, o Flama, de autoria de Deodato Borges ressalta a estreita relação das HQ's com a indústria jornalística, tendo surgido originalmente num programa de rádio apresentado pelo cartunista que, dado o enorme sucesso junto aos ouvintes, decidiu lançar, de maneira artesanal e com uma baixa tiragem, a revista *As Aventuras do Flama*.

<sup>8</sup> Fundado em 07 de maio de 1908 pelos irmãos Oscar e Orris Eugênio Soares, *O Norte* destacou-se como um dos periódicos mais antigos em circulação diária no Brasil no século XX e XXI, encerrando suas atividades em 2012. Pertencente ao grupo Diários Associados, o jornal foi pioneiro a implantar o sistema off-set no Estado, revolucionando em 1973, a qualidade da impressão do jornalismo impresso.

(2012, p. 27), ao destacar ainda que “Foi uma fase muito criativa, possibilitando a experimentação de uma nova linguagem em nosso jornalismo e em nossos quadrinhos”.

Além destes, na qualidade de profissional polivalente, Deodato Borges também escrevia crítica especializada, comentando em uma coluna diária as novidades do mercado de quadrinhos e analisando as obras clássicas. Com espírito sempre empreendedor e com o olhar voltado para o futuro, Borges foi mais além e, aproveitando a renovação do processo de impressão do maquinário do jornal *O Norte*, ele lançou, em 1975, aquele que seria o primeiro suplemento infanto-juvenil voltado para a publicação de quadrinhos publicado na imprensa paraibana, *O Norte em Quadrinhos*. Uma iniciativa que, conforme se verá mais adiante, marcou os rumos do segmento das HQ's no Estado, servindo de modelo para outras criações do gênero.

Adotado pelos grandes jornais em circulação na época, os suplementos semanais se destacavam como um importante suporte e o mais adequado, para além das revistas, para se atingir o público segmentado e, além disto, ajudar na consolidação de formação de novos leitores para publicações específicas, como era o caso das publicações ilustrativas<sup>9</sup>. O emprego deste tipo de modalidade suplementar, vale ressaltar, fazia parte de uma estratégia mercadológica dos jornais enquanto empresas dentro do disputado mercado da comunicação e, de modo particular, frente à forte audiência das mídias eletrônicas, o rádio e a TV que disputavam não só o público, mas também as verbas publicitárias. Dentro deste cenário, conforme destaca Alberto Dines (1996, p. 70), os jornais passaram pelo fenômeno da “revitalização” como forma destes se adequarem às mudanças em curso e que se vê até os dias de hoje. Ao analisar esse fenômeno, Dines (Idem) ressalta que a TV é responsável pelas mudanças nos jornais a partir da década de 1960, quando os impressos foram levados a modificar o seu modo de lidar com a informação, indo para além do factual, na direção de abordagens diversificadas e com maior profundidade.

Tais fatores influenciaram diretamente o modo de produção dos jornais de todo o país que se viram obrigados a seguir esse novo padrão que caracterizou o processo de modernidade na imprensa nacional e regional. Por esta razão, com o advento da renovação de seu parque gráfico, considerado na época um dos mais modernos de toda a região Nordeste e antenado com o que havia de mais atual na indústria jornalística no Brasil e no mundo, o jornal *O Norte* passou a investir nesta modalidade suplementar de conteúdo cultural criando em 1975 o suplemento *Domingo*. Tratava-se de uma revista de diversidade, tamanho tabloide com 12 páginas, que em geral trazia matéria sobre o humor gráfico, conforme se vê na imagem da edição de número 32. (ver figura 1).

---

<sup>9</sup> Os suplementos surgiram na imprensa brasileira com estas características a partir de meados do século XX e em pouco tempo se tornaram uma das principais modalidades de publicação que acompanhavam as edições dos principais jornais do país, circulando geralmente, aos domingos.

Figura 1

Capa do suplemento Domingo, nº 32, de 11/07/76



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

Além do formato, o suplemento semanal *Domingo* inovava ao apresentar outros aspectos diferenciais ao público leitor. Dentre eles estavam uma maior abertura para a publicação de imagens, reportagens sobre temas considerados tabus para a época, a exemplo de comportamento sexual, e o emprego de uma narrativa que dialogava, de certo modo, com o novo estilo de linguagem impetrado na imprensa brasileira pelo revolucionário semanário *O Pasquim* que se consagrou como um dos maiores fenômenos editoriais do século XX no jornalismo (Kucinski, 2001). Neste sentido, chama a atenção o fato de o suplemento haver revigorado dentro do âmbito da imprensa comercial, o jornalismo satírico que historicamente sempre esteve mais arraigado à denominada imprensa alternativa da qual as charges e, de maneira particular, as tiras cômicas sempre se destacaram como os dois principais gêneros em uso (BRITO, 2018).

Em meio a tais mudanças e propulsionado pela lógica da segmentação da informação possibilitada pelos suplementos e o ávido interesse de Deodato Borges em avançar na conquista de um maior espaço para o humor gráfico e, especialmente, os quadrinhos, não demorou muito para que, logo em seguida de o *Domingo*, *O Norte* lançasse um novo suplemento, desta feita, voltado enfaticamente para a produção deste gênero. É quando surge *O Norte em Quadrinhos*, primeira publicação do gênero a circular na imprensa paraibana.

### 3 O SUPLEMENTO *O NORTE EM QUADRINHO*

Denominado de *O Norte em Quadrinhos*, o periódico foi lançado em 1975 e circulava semanalmente junto à encadernação do jornal *O Norte*. Muito mais que uma mini revista de entretenimento, o suplemento funcionava como um importante recurso de apoio à fomentação das futuras gerações de quadrinhistas no Estado, despertando no público infantil e infanto-juvenil, o interesse pelo desenho acompanhado de narrativa, como era esta a intenção de Deodato Borges.

Para além de um novo espaço conquistado para a disseminação da arte da narrativa seriada ilustrada na indústria jornalística paraibana, a criação do suplemento tratava-se de mais uma iniciativa pioneira do jornal *O Norte* que serviu de modelo para outras publicações dentro do mesmo segmento que surgiram depois. Com o slogan “suplemento para crianças e adultos”, *O Norte em Quadrinhos* trazia, além dos quadrinhos clássicos internacionais, a exemplo de *Asterix*, *Hagar*, *Príncipe Valente* e *Steve Canyon*, a presença de personagens de autoria de Maurício de Sousa que na época já fazia enorme sucesso no mercado editorial e, além destes, criações de desenhistas locais, a exemplo de Emir Ribeiro, com *Welta*, Marcos Nicolau, com *As Cobras* e Henrique Magalhães, com *Maria*. *O Norte em Quadrinhos* era editado por Deodato Borges, que também assinava uma coluna com análise de personagens, tal qual era feito na edição de *O Norte*.

O suplemento tinha o formato tabloide e circulava com oito páginas. Em datas especiais, a exemplo do Dia da Criança, o caderno era ampliado para mais páginas, chegando até 16 ao todo. As impressões das edições variavam, sendo algumas monocromáticas e outras impressas em cores, explorando a policromia que o jornal passara a oferecer dentro do processo de renovação gráfica (ver figuras 2 e 3). Curiosamente, ao se averiguar os exemplares, percebeu-se que não havia um controle rigoroso quanto ao registro da série dos exemplares. Mesmo tendo sido lançado em junho de 1975, muitos exemplares datados do ano de 1976, trazem no cabeçalho a informação de se tratar do ano 1. Os números atribuídos aos exemplares também não seguem uma sequência crescente lógica baseada na periodicidade com que era publicado. Provavelmente pelo fato da interrupção entre uma edição e outra.

Além desses aspectos, *O Norte em Quadrinhos* tinha como diferencial, o fato de abrir espaço para que os leitores pudessem publicar desenhos de suas autorias. Os desenhos eram encaminhados para a redação do jornal por meio de cartas e editados posteriormente. Além dos desenhos, o suplemento também oferecia espaço para a publicação de fotografia de crianças em seus primeiros anos de vida, em geral, filhas de assinantes, reproduzindo uma espécie de colonismo social focado nessa faixa etária. As edições de *O Norte em Quadrinho* eram assinaladas pelos cartunistas Deodato Borges que respondia pela coordenação e, Marcos Nicolau, como chefe de arte. Este último foi um

dos jovens talentos revelados através dos novos espaços criados para o segmento do humor gráfico na imprensa paraibana e que, assim como a maioria dos artistas gráficos, atuou como quadrinhista e chargista em vários jornais e outras publicações da imprensa comercial e da imprensa alternativa no Estado<sup>10</sup>. Vale destacar ainda que, apesar de ter o foco na produção de quadrinhos, o suplemento também abria espaço para publicação de charges, por meio das quais, os autores podiam expressar suas críticas de maneira subliminar, lembrando que a imprensa ainda estava, na época, sob o rigor da censura da ditadura civil-militar.

Foi assim que, apesar de se propor de modo especial voltado ao público infantil, *O Norte em Quadrinhos* se tornou uma publicação lida assiduamente por jovens e adultos apreciadores não apenas da nona arte, mas dos demais gêneros que compõem o amplo e instigante universo do humor gráfico. A publicação circulou por dois anos, desaparecendo em meio às mudanças editoriais pelas quais o jornal passou durante a segunda metade dos anos 1970 e em meio às quais, o espaço reservado aos quadrinhos também sofreu alteração, sendo pouco a pouco reduzido. Essa supressão de espaço foi combatida e de certa forma compensada através do surgimento de outras iniciativas de caráter particular, a exemplo da criação de revistas lançadas como produções independentes no mercado editorial em HQ's, fenômeno este que se repetiu em praticamente todo o país ao longo da segunda metade do século XX. Não obstante, enquanto esteve em circulação, *O Norte em Quadrinhos* serviu de inspiração para outras iniciativas similares e que contribuíram para a continuidade do incentivo à produção de quadrinhos no Estado. Dentre elas, estava o suplemento *O Pirralho*.

---

<sup>10</sup> A imprensa alternativa paraibana foi caracterizada pela criação de dois jornais que se destacaram no segmento nos anos 70: o *Edição Extra* (1971) e *O Furo* (1979). Ambos faziam eco ao movimento de contestação da imprensa nacional inspirado no sucesso do jornal carioca *Pasquim* e serviram de laboratório para a formação de importantes gerações de cartunistas paraibanos.

Figura 2 -Capa do suplemento. Ano1, Nº 1. Publicado em 29 de junho de 1975.



Figura 3 - Capa do suplemento. Ano 2, Nº 43. Publicado em 25 de abril junho de 1976.



Fonte: Arquivo do IHGP e Gibiteca Henfil.

#### 4 SUPLEMENTO O PIRRALHO

Um ano após *O Norte em Quadrinhos*, foi a vez de o Jornal *A União*<sup>11</sup>, periódico oficial do Governo do Estado, lançar o mais novo suplemento semanal também focado na produção de quadrinhos e voltado para o público infantil e adulto. Tratava-se de *O Pirralho*, suplemento semanal lançado em julho de 1976 e que tornou-se um dos marcos na história da produção de quadrinhos na Paraíba. A publicação surgiu da vontade do diretor técnico de *A União*, a época, Barreto Neto, de

<sup>11</sup> Fundado no dia 2 de fevereiro de 1893 pelo então presidente da Província, Álvaro Machado, o jornal *A União* é um dos periódicos mais antigos em circulação em todo o Brasil e o único jornal oficial ainda existente no Brasil. *A União* circula na versão impressa e online. O jornal tem uma larga tradição na publicação de suplementos, tendo lançado em 1949, o “Correio das Artes”, suplemento literário mais antigo em circulação no Brasil. Para mais a respeito do jornal, ver Araújo (1985).

oferecer à meninada um espaço para publicar desenhos, em sua maioria, quadrinhos que chegavam à redação com muita frequência (DEMENTSHUK, 2016).

A exemplo de *O Norte em Quadrinhos*, *O Pirralho* era um suplemento semanal, publicado aos domingos junto da edição do jornal *A União*, que percebendo o sucesso do segmento na imprensa estadual a partir da inovação da concorrência, passou a investir na publicação de HQ's. Antes mesmo do suplemento, o jornal abriu espaço em suas páginas para a publicação de desenhos produzidos por jovens autores locais. Entre os nomes que fizeram história nessa empreitada estavam os de Tônio e Tenório, Cristovam Tadeu, e Domingo Sávio<sup>12</sup>. Como subtítulo usava a expressão “Suplemento infanto-juvenil”, indicando que se dirigia a leitores adolescentes, apesar de também ter atraído o público infantil, *O Pirralho* circulou durante quatro anos, inicialmente com formato tabloide horizontal e, a partir da quinta edição, em tamanho tabloide vertical (ver figuras 4 e 5).

A proposta original era a mesma que pautou o pioneiro Deodato Borges, divulgar quadrinhos e revelar novos talentos. De acordo com entrevista concedida pela, á época, editora do jornal, Wilma Wanda, concedida à pesquisadora Márcia Elisabeth Dementshuk, a faixa etária mais atingida pelo suplemento ia de meninos entre seis e 15 anos, em sua maioria, advindos da periferia, de escolas públicas, pelo fato de a publicação ser divulgada nos estabelecimentos de ensino. *O Pirralho* circulou até 1979. E, apesar do pouco tempo de vida, revelou grandes nomes da nona arte na Paraíba, alguns consagrados nacionalmente, a exemplo de como Emir Ribeiro que se tornou conhecido no segmento dos quadrinhos em todo o país através de sua principal personagem, “Velta”. Além dele, participaram de *O Pirralho*, Henrique Magalhães, Assis Valle, Cloves Santos, Danielito Graneros, ente outros. Por essa razão, como assevera Magalhães (2012, p. 28) “*O Pirralho* tornou-se o veículo de toda uma geração de cartunistas, tendo contribuído de forma indelével para a formação dos quadrinhos paraibanos”.

O suplemento trazia em suas páginas tirinhas e histórias em quadrinhos feitas por crianças, histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, histórias escritas por crianças, matérias direcionadas ao público infantil e passatempos. Entre as sessões estava a “Escolhinha de Artes”, espaço voltado para a publicação de desenhos feitos por crianças. O destaque de boa parte das edições, entretanto, era para “Velta” que tinha página exclusiva e as narrativas de suas aventuras tinham sequência nas edições seguintes. O periódico também se diferenciava por trazer uma forte carga satírica em seu conteúdo, revelando, em algumas ocasiões, críticas sociais, como se vê, por exemplo, na capa de Nº 147, ano III (ver figura 5). Neste sentido, *O Pirralho* demonstrou-se um valioso instrumento de aperfeiçoamento da imprensa satírica paraibana que teve nos suplementos

---

<sup>12</sup> A trajetória da carreira profissional destes e de boa parte dos artistas gráficos encontra-se registrada de forma sucinta na revista *Quadrinhos da Paraíba- 30 anos de história*, publicada pelo Jornal *A União*, em 1993.

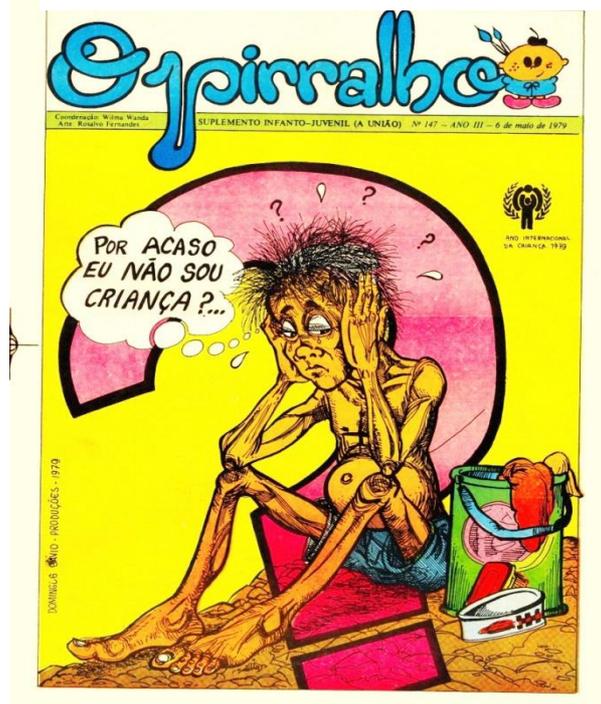
semanais infanto-juvenis, sem sombra de dúvidas, importantes canais a evidenciar o poder desvelador e combativo do humor gráfico, sobretudo, em tempos de censura, como foi o caso da época em que as duas publicações aqui destacadas, circularam na imprensa paraibana.

Figura 4 -Página interna *O Pirralho*.  
Ano II. Nº 81 Publicado em 22 de  
janeiro de 1976.



Figura 5 -Capa de *O Pirralho*. Ano III.  
Nº 147.

Publicado em 12 de maio de 1979.



Fonte: Gibiteca Henfil (João Pessoa –PB)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de haver ganho vida própria ocupando espaços diversos dentro e fora do mercado editorial jornalístico e também alternativo ao longo do tempo, é indiscutível a herança primordial da imprensa para o avanço das Histórias em Quadrinhos no Brasil e em todo o mundo. Trata-se aqui de uma problemática que, apesar da existência de diversos trabalhos já publicados, ainda abre margem para outras análises instigantes, sobretudo, dentro da dimensão histórica contemplando a realidade da produção regional que caracterizou o avanço desse segmento do humor gráfico para além do cenário do mercado editorial nacional. Ao analisar a produção dos quadrinhos paraibanos a partir de um suporte específico, como foi o caso dos suplementos semanais infanto-juvenis em circulação nos anos

1970 no Estado, este trabalho possibilita um maior alargamento acerca das minúcias que caracterizaram as diferentes etapas de evolução deste importante gênero caricatural mundial.

Dentro desta ótica, ao destacar os caracteres relativos à criação dos suplementos *O Norte em Quadrinhos* (1975) e *O Pirralho* (1976), a análise histórica aqui descrita nos leva a ver com maior clareza, o fio sócio-histórico e cultural que nortearam o processo, não apenas de desenvolvimento, mas também de evidência das dificuldades que as HQ's enfrentaram (e ainda enfrentam) para se fidelizarem junto ao público leitor. Neste sentido, como se pode averiguar, o papel desenvolvido por iniciativas como estas aqui descritas e que tiveram como meta não apenas a conquista de novos espaços para a disseminação dos quadrinhos, mas também a fomentação de novas gerações de representantes da nona arte e a de um público cativo para esta, é algo que certamente influenciou de maneira marcante, os rumos de desenvolvimento das histórias em quadrinhos na Paraíba. Dentro deste contexto, também não se pode deixar de destacar a imprescindível contribuição de Deodato Borges que, muito mais que pioneiro no desenvolvimento da nona arte na Paraíba, a partir da criação do primeiro herói de HQ's no Estado, o Flama, desempenhou uma valiosa colaboração para os rumos que esta obteve por meio de sua visão empreendedora.

A análise aqui apresentada por fim, vai ao encontro de algo já destacado em outros trabalhos publicados que é a valiosa contribuição da década de 70 para o desenvolvimento dos quadrinhos paraibanos, chamando a atenção, com maior ênfase para a colaboração dos suplementos semanais dos grandes jornais que compunham a imprensa estadual. Um fenômeno que, vale ressaltar, uniu a necessidade estratégica mercadológica dos jornais em avançarem na segmentação de público, com a militância dos agentes multiplicadores e incentivadores da produção deste gênero que prossegue até os dias de hoje, vale destacar, enfrentando aquilo que permanece sendo um dos entraves para a sua maior difusão entre os públicos mais juvenis, a falta de uma política editorial específica por parte das empresas jornalísticas e órgãos oficiais. Uma política, como defende Magalhães (2012), à altura de sua importância.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Vanessa. Imagem: função narrativa e emprego espaço-temporal. In: BRANDÃO, Jack (Org). **Imagem: Reflexo do mundo e do homem?**- Questões acerca da iconologia, iconografia e cinofotologia. Embu-Guaçu-SãoPaulo: Lumen Et Virtus Editora, 2015.

ALVES, Luzardo. **O humor gráfico de Luzardo Alves**. 3 ed. Paraíba:Marca de Fantasia, 2016

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Campina Grande: Grafset, 1985.

AUDACI JUNIOR, J. **Riscos no tempo:** 40 anos de história em quadrinhos na Paraíba. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

BRITO, Rosildo Raimundo de. *Entre a charge e os quadrinhos:* a trajetória da caricatura na imprensa paraibana. In: 5ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. 2018. Disponível em <<http://www2.eca.usp.br/jornadas/>>. Acesso em 12. set. 2018.

DEMENTSHUK, Márcia Edlisabeth. **Caixas de ressonâncias:** estudo dos suplementos jornalísticos para crianças na Paraíba. 2016. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-graduação em Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba). Disponível em <[https://www.academia.edu/32282726/CAIXAS\\_DE\\_RESSON%C3%82NCIA\\_estudo\\_dos\\_suplementos\\_jornal%C3%ADsticos\\_para\\_crian%C3%A7as](https://www.academia.edu/32282726/CAIXAS_DE_RESSON%C3%82NCIA_estudo_dos_suplementos_jornal%C3%ADsticos_para_crian%C3%A7as)>. Acesso em 10. Set.2019.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo:Summus, 1996.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura.** A imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo:Edusp, 2001.

LIMA, Weaver. **A Grande enciclopédia do quadrinho cearense.** 3ª edição. Fortaleza, CE: Editora Mostra, 2010.

*LACTERMACHER, Stela; MIGUEL, Edison.* HQ no Brasil: história e luta pelo mercado. In.

MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas:** a força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

\_\_\_\_\_. **Uma história dos quadrinhos paraibanos.** Rev. 9ª Arte. V. 1, n.1. São Paulo:2012. Disponível em <<http://www.memorialhqpb.org/personagens/flama/flama.html>>. Acesso em 29.jul.2018.

\_\_\_\_\_. MAGALHÃES, Henrique. **A incrível história dos quadrinhos:** 20 anos de HQ da Paraíba. João Pessoa: Sancho Pança,1983.

PONTES, Juca. **Quadrinhos da Paraíba:** 30 ANOS. Editora Jornal A União, 1993.

**Submetido em: 06/03/2019 Aprovado em: 02/04/2020.**